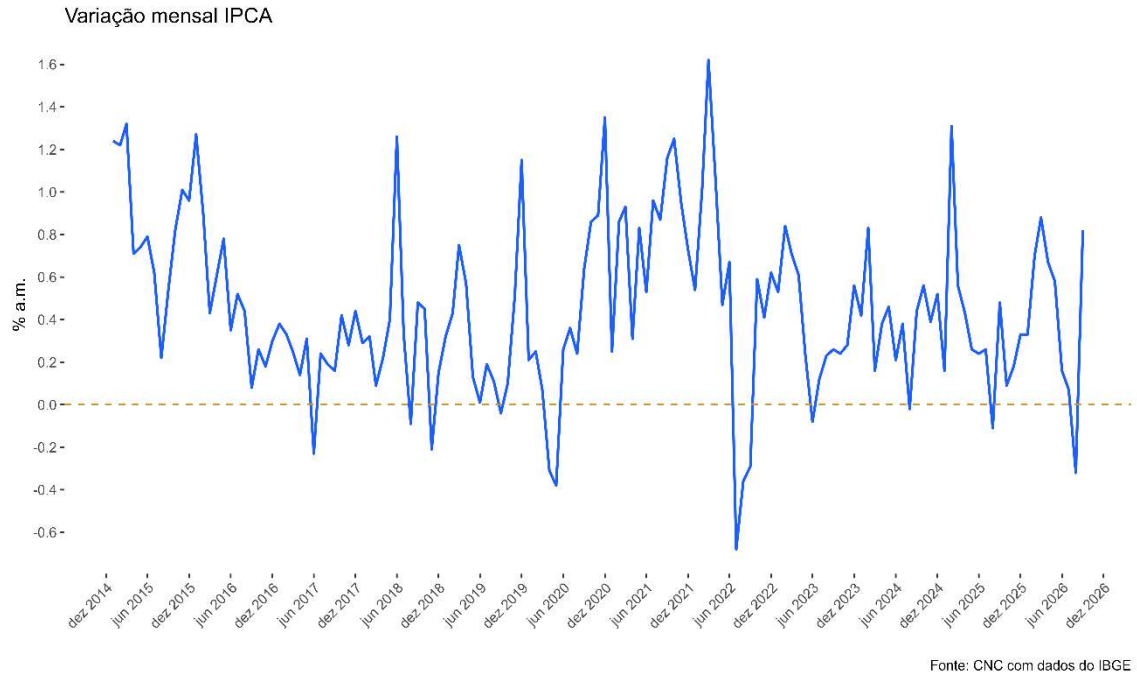
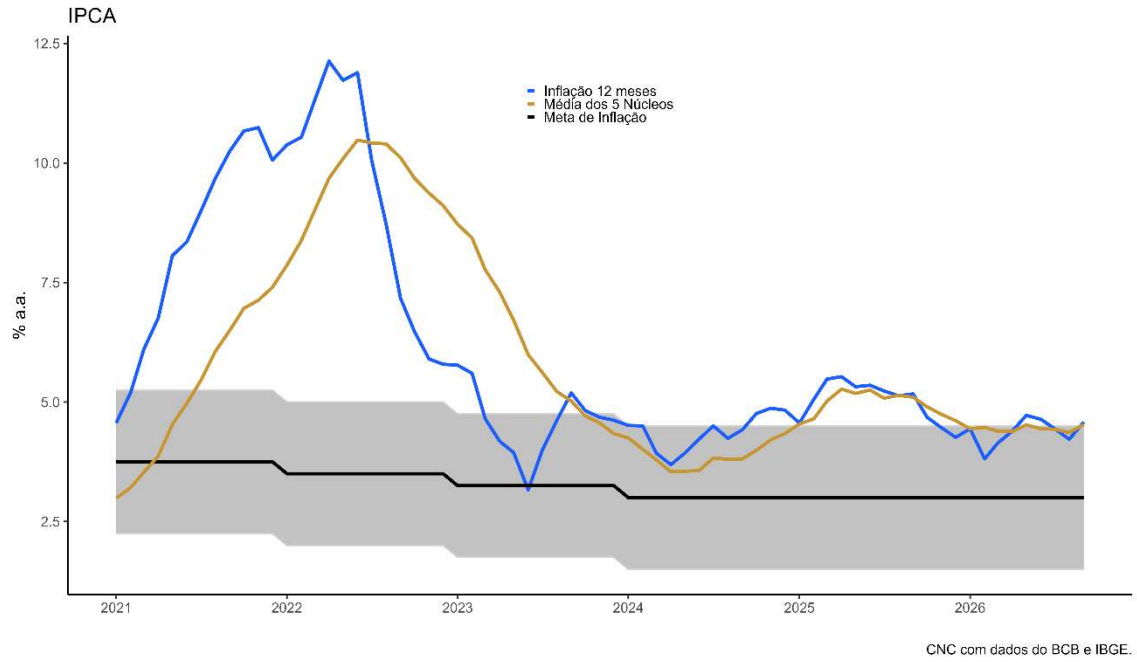
IPCA

A inflação voltou a subir em setembro. O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), divulgado hoje, 9 de outubro, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), avançou 0,82%, após a queda de 0,32% em agosto. O resultado superou a mediana de 0,73% da pesquisa Reuters. A reversão do desconto na conta de luz já era esperada, mas o retorno das altas em alimentos e combustíveis tornou o resultado menos favorável do que sugeria a leitura do mês anterior.



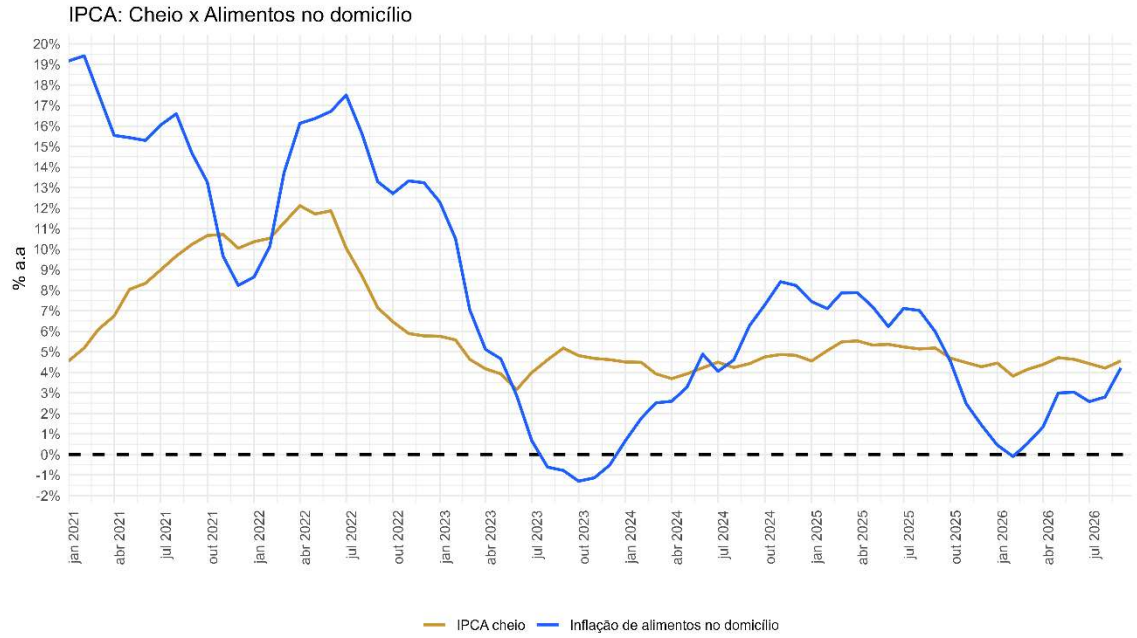
Fonte: CNC com dados do IBGE

O acumulado em 12 meses passou de 4,22% para 4,58%, voltando a superar o limite superior da meta, de 4,50%. No ano, a alta chegou a 3,95%. Assim, o recuo observado em julho e agosto não foi suficiente para consolidar a inflação dentro do intervalo de tolerância.



A média dos cinco núcleos de inflação também aumentou, de 4,36% para 4,53%, em 12 meses. Essas medidas reduzem a influência de componentes mais voláteis e ajudam a avaliar a tendência dos preços. Todos os cinco núcleos registraram alta no acumulado anual. A piora, portanto, vai além da oscilação da energia. Mesmo descontando parte dos movimentos pontuais, a inflação ainda está distante do centro da meta, de 3,0%.

O segmento de alimentação e bebidas voltou a pressionar o orçamento das famílias, com alta de 0,83% e contribuição de 0,18 ponto percentual para o IPCA. O grupo havia recuado nos três meses anteriores. Os alimentos comprados para consumo em casa subiram 0,96%, levando o acumulado em 12 meses a 4,21%. Já a alimentação fora do domicílio avançou 0,48% e acumula 5,79%. O alívio das compras de supermercado perdeu força, enquanto comer fora segue encarecendo em ritmo mais elevado, na comparação anual.



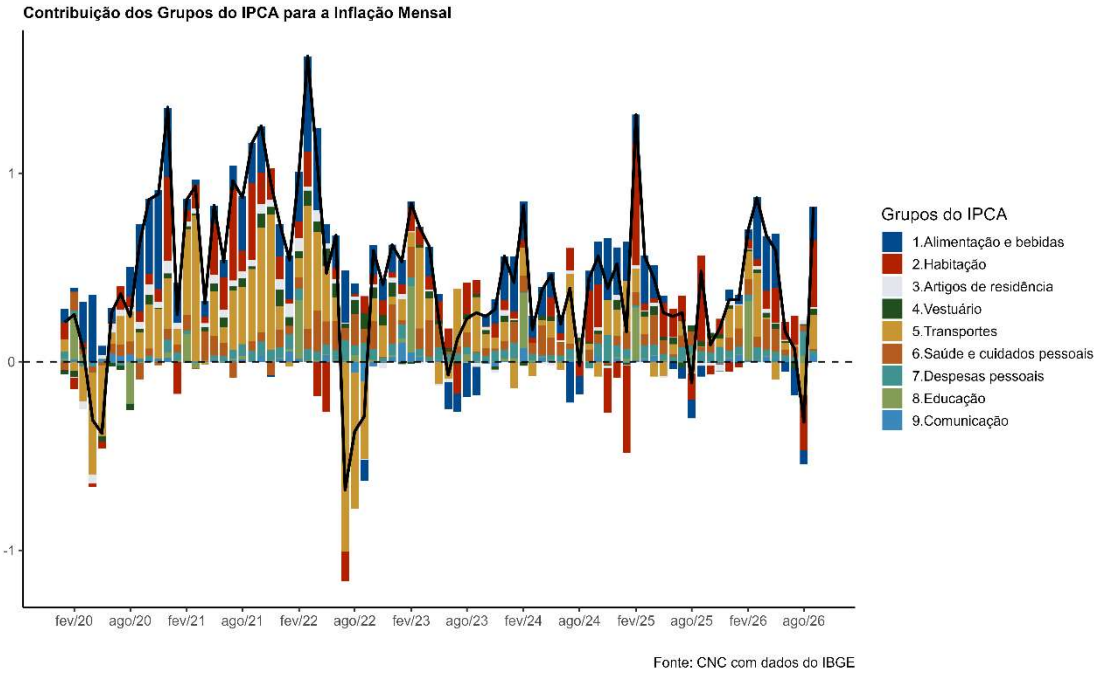
Fonte: Elaboração CNC com dados do IBGE

Tomate e batata-inglesa, que haviam ajudado a reduzir os preços nos últimos meses, subiram 37,76% e 24,07%, respectivamente. As carnes aumentaram 0,63%, enquanto o café moído recuou 1,09%. A mudança merece atenção também pelo que ocorre antes do varejo: em setembro, a Fundação Getulio Vargas (FGV) registrou alta de 3,61% nas matérias-primas brutas, com pressão de soja, milho e carne bovina. Isso não implica repasse imediato ao consumidor, mas reduz o espaço para contar apenas com a oferta de alimentos para conter a inflação.

Variação mensal/p.p dos Grupos			
Grupos	**Variação mensal**	**Acumulado 12 meses**	**Participação por grupo (mês)**
Alimentação e bebidas	0.83%	4.66%	0.18
Artigos de residência	0.27%	2.08%	0.01
Comunicação	0.64%	2.79%	0.03
Despesas pessoais	0.26%	5.90%	0.03
Educação	0.04%	5.95%	0.00
Habitação	2.31%	4.22%	0.35
Saúde e cuidados pessoais	0.08%	5.75%	0.01
Transportes	0.89%	3.94%	0.18
Vestuário	0.71%	3.34%	0.03
IPCA	0.82%	4.58%	-

Fonte: CNC com dados do IBGE

A energia elétrica residencial subiu 7,98% e acrescentou 0,32 ponto percentual ao IPCA, cerca de 39% da alta do mês. O principal motivo foi o fim do desconto do bônus de Itaipu nas faturas de agosto; a bandeira tarifária continuou amarela em setembro e será verde em outubro, aliviando o custo com energia para empresas e famílias. Com isso, habitação avançou 2,31%. A forte oscilação mensal contrasta com o acumulado de 2,74% da eletricidade em 12 meses, reforçando a importância da base de comparação para interpretar esse resultado.



Fonte: CNC com dados do IBGE

Transportes subiu 0,89%, com impacto de 0,18 ponto percentual no índice. As passagens aéreas avançaram 9,66%, devolvendo parte da queda de agosto. Os combustíveis também mudaram de direção: a gasolina aumentou 1,21%; o etanol, 3,16%; e o diesel, 1,69%. O encarecimento da gasolina, que acumula 5,61% em 12 meses, tem efeito importante sobre as despesas das famílias e soma pressão ao transporte em um mês já marcado pela alta dos alimentos. Enquanto a guerra do Irã persistir, os preços seguirão elevados.

Os nove grupos pesquisados tiveram alta, embora com intensidades distintas. Vestuário avançou 0,71%; e comunicação, 0,64%; enquanto o segmento de saúde e cuidados pessoais variou apenas 0,08%; e educação, 0,04%. Esses resultados mostram que a pressão não ficou restrita aos três grupos de maior peso. Ainda assim, não há uniformidade entre os preços: despesas pessoais desacelerou de 1,30% para 0,26%; e artigos de residência, de 0,64% para 0,27%. O quadro combina a reversão de quedas pontuais com uma inflação de fundo ainda resistente.

O mercado de trabalho ajuda a entender essa resistência. No trimestre encerrado em agosto, a taxa de desemprego ficou em 5,3% e a massa real de rendimentos cresceu 4,8% frente ao mesmo período de 2025, sustentando a capacidade de consumo. Ao mesmo tempo, o Banco Central identifica desaceleração nos setores mais sensíveis ao ciclo econômico. Na reunião de setembro, o Copom reduziu a Selic em 0,25 ponto percentual, indo para 13,75% ao ano. A combinação de atividade mais lenta com renda ainda em expansão ajuda a explicar por que a redução dos juros tem sido gradual.

Variação mensal/anual dos itens com maior peso			
Subitems	Mensal	p.p Mensal	Acumulado 12 meses
Gasolina	1.21%	0.06	5.61%
Plano de Saúde	0.42%	0.02	5.70%
Energia Elétrica Residencial	7.98%	0.32	2.74%
Aluguel Residencial	0.27%	0.01	4.71%
Refeição	0.49%	0.02	5.01%
Automóvel Novo	−0.35%	-0.01	0.71%
Empregado Doméstico	0.58%	0.02	6.59%
Emplacamento e Licença	−0.02%	0.00	−0.23%
Condomínio	0.35%	0.01	4.26%
lanche	0.47%	0.01	7.59%
			Fonte: CNC com dados do IBGE

Para outubro, a mudança da bandeira amarela para a verde deve trazer alívio à conta de luz. Esse efeito tende a reduzir a pressão sobre o índice cheio, mas não garante melhora equivalente aos demais preços. Nos alimentos, será importante acompanhar a duração da recuperação dos produtos *in natura* e a transmissão dos custos no atacado. Para os juros, a alta dos núcleos torna os próximos dados especialmente relevantes: uma possível desaceleração do IPCA puxada apenas pela energia oferece menos segurança para novos cortes do que uma melhora também dos componentes mais persistentes.